

A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DO MST NA PERSPECTIVA DA VISUALIDADE.

Micharlles Lopes Paz *

Dr. Jaílson Pereira da Silva- PET-História- UFC

“O Movimento Sem Terra é uma das coisas mais importantes que já aconteceu no Brasil. E muitos de nós guardamos no coração uma grande esperança neles, para obrigar o Brasil a levar a questão agrária a sério. O MST junta hoje todos os tipos de lavradores, que invadem fazendas improdutivas e vivem na miséria imposta pelos latifundiários. O que eles pedem é que o governo lhes dê terra. Diante dessa coisa escandalosa, o Brasil todo devia gritar”(Darcy Ribeiro)

A proposta deste pequeno ensaio é discutir questões que considermos relevantes à compreensão da dinamicidade do MST, tais como: a luta pela reforma agrária e a dimensão visual dessa luta, isto é, como essa disputa simbólica é dimensionada pela imagem. Para tal intento, partiremos de uma chave de interpretação cara ao nosso objeto, qual seja: compreender as maneiras mediante as quais, os diferentes sujeitos históricos representam imageticamente o MST a partir de seus lugares sociais.

È oportuno dizer que esse breve texto possui dois eixos norteadores, a saber: primeiro, contextualizar a gestação e formação do MST, percebendo de que forma esse sujeito coletivo enfrenta os imperativos e contradições da realidade histórica brasileira; segundo, visio problematizar o tenso e complexo campo de disputas de significação do MST, através das suas diversas representações imagéticas.

Contextualizaremos agora um pouco da trajetória do MST, a fim de elucidar melhor nosso intento acima aludido.

Do ponto de vista oficial, o MST foi criado em janeiro de 1984, na cidade de Cascavel, no estado do Paraná. O Movimento surgiu sob o amparo da Comissão Pastoral da Terra (CPT), instituição vinculada a uma ala mais progressista da Igreja Católica. È no contexto da redemocratização brasileira que ele aparece. Período este caracterizado por uma efervescência política, haja vista a emergência de novos agentes coletivos, como o Partidos dos Trabalhadores (1980), a CUT (Central Única dos

Trabalhadores), as importantes greves ou ainda a relevante campanha das Diretas-Já. É nessa ambiência histórica peculiar que surge o MST, aparecendo enquanto movimento aglutinador das experiências camponesas.

Mas, cabe-nos perguntar: quais foram os fatores determinantes para o surgimento do MST?

“Em primeiro lugar, foram os fatores de ordem econômica. Durante a década de 70, houve uma grande concentração da propriedade da terra e a expansão da mecanização da lavoura.(...)Esses trabalhadores foram expulsos da terra. Em segundo lugar, houve os fatores sociais. Até o final da década de 70, os trabalhadores rurais excluídos da agricultura buscavam duas saídas básicas: a migração para as regiões amazônicas ou o êxodo para as cidades. E Houve os fatores políticos. O trabalho da pastoral da igreja católica, através da CPT, e das pastores rurais, que passaram a conscientizar os camponeses sobre os seus direitos à terra”.¹

O próprio MST nos fornece indícios relevantes para compreender um pouco esse efervescente contexto de sua formação:

“O Brasil vivia uma conjuntura de duras lutas pela abertura política, pelo fim da ditadura e de mobilizações operárias nas cidades. Como parte desse contexto, entre 20 e 22 de janeiro de 1984, foi realizado o 1º Encontro Nacional dos Sem Terra, em Cascavel, no Paraná. Ou seja, o Movimento não tem um dia de fundação, mas essa reunião marca o ponto de partida da sua construção”².

Desde então, o MST tem lutado para ampliar o número de famílias assentadas e territorializar-se por todas as regiões brasileiras. Atualmente o MST está organizado em

¹ STÉDILE, João Pedro e Frei SÉRGIO. *A luta pela terra no Brasil*. Editora Página aberta, 1993.

² MST. *Os 25 anos do MST*. Revista Sem Terra nº 23, janeiro de 2009.

24 estados em milhares de assentamentos. Entre 2000 e 2007, o Movimento organizou 65% das ocupações de terras no Brasil.³

O MST aparece, pois, no cenário nacional enquanto movimento capaz de semear à luta, no sentido de indicar através das suas ações para a necessidade de transformações radicais na injusta sociedade brasileira. Nunca é demais lembrar que a sociedade brasileira ainda sofria as seqüelas do período ditatorial. No último quartel do século XX, eclodiu no Brasil um conjunto de movimentos camponeses que resolveram lutar contra a histórica concentração de terras. Nesse ínterim, os chamados sem-terra irrompem na cena histórica como um movimento social muito importante, haja vista sua brava luta contra a exclusão e injustiça ainda reinantes em nosso país.

Considero que uma análise do MST, mesmo que simplória como esta, perderia substância se não trouxesse um pouco de um problema secular no Brasil: a questão agrária. A fim de compreender um pouco melhor a história do MST, faz-se importante traçar minimamente os percursos pretéritos dessa dramática história:

“Quando estudamos historicamente a estrutura fundiária no Brasil, ou seja, a forma de distribuição e acesso à terra, verificamos que desde os primórdios da colonização essa distribuição foi desigual. Primeiro foram as capitânicas hereditárias e seus donatários, depois foram as sesmarias. As sesmarias estão na origem da grande maioria dos latifúndios do país, fruto da herança colonial. Com a independência e com o fim da escravidão, trataram os governantes do país de abrir a possibilidade de, através da “posse”, legalizar grandes extensões de terras. Com a Lei de Terras de 1850, entretanto, o acesso à terra só passou a ser possível através da compra/venda com pagamento em dinheiro em dinheiro, o que limitava, ou mesmo praticamente impedia, o acesso à terra dos escravos sendo libertos. Dessa forma, podemos verificar que

³ CEDEM- Centro de Documentação de Memória da UNESP. Esse centro abriga um interessante acervo do MST. Disponível em: <http://www1.cedem.unesp.br/consulta.htm>. Acesso: 22.03.2013.

os princípios que marcam a concentração fundiária no Brasil nunca deixaram de existir”⁴.

Vê-se que a questão de terras, a despeito das distintas metamorfoses que ganhou ao longo do tempo, sempre constituiu um drama da sociedade brasileira. È precisamnete nesse contexto que a luta do MST é importante, porque- dentre outras coisas- ele coloca em evidência na agenda política brasileira o problema da enorme concentração fundiária, lutando quotidianamente pela viabilização da reforma agrária.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra mais conhecido pela sigla MST, têm um história bastante singular na história recente do Brasil, seja aparecendo enquanto organização social e política atuante no contexto da luta pela cidadania e da democracia⁵ em nosso país, entendida aqui não como ato que se encerra no mero exercício do voto, seja através das suas insolentes ações, tais como: as ocupações de terra e espaços públicos, o intenso ativismo político ou ainda o questionamento aberto e diuturno contra a injusta distribuição de terras engendrada pelos “donos do poder”.

Procuremos agora, traçar alguns elementos para o nosso segundo aqui ensejado, a saber: refletir acerca dos usos e sentidos atribuídos às imagens do MST pelos sujeitos históricos a partir de seus lugares sociais.

À medida que nosso objeto caminha, prioritariamente para a investigação das fontes iconográficas, consideramos pertinente utilizar a categoria de “cultural visual” ou visualidade, tributário do pensamento de Ulpiano Meneses⁶.

⁴STÉDILE, João Pedro (Org). *A questão agrária hoje* 2º. ed. Porto Alegre:Editora da Universidade/UFRGS, 1994. P. 55.

⁵ CARTER, Miguel. *O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA (MST) E A DEMOCRACIA NO BRASIL*. AGRÁRIA, São Paulo, Nº 4, pp. 124-164, 2006. Para este autor, o MST contribui para o fortalecimento da democracia brasileira, na medida em que “*O dinamismo, engenhosidade e demanda por uma maior justiça social do MST - em uma nação afligida por notáveis desigualdades sociais – representam uma força vital em favor da democratização*”. Ou ainda: “*Finalmente, o MST contribui para a democracia ao engendrar um senso de utopia e afirmar muitos ideais que são parte do longo e continuado processo de desenvolvimento democrático*”.

⁶ MENESES, Ulpiano. *Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares*. Revista Brasileira de História, vol. 23, nº 45

Utilizaremos dessa conceituação, não só para perceber os modos mediante os quais, os diferentes meios de comunicação veiculam suas visões de mundo a partir de suas imagens, mas também a fim de compreender como a própria imagem em sua historicidade e singularidade. Assim, é emblemático perceber como esses veículos transmitem suas ideologias aparentemente neutras.

Por exemplo, quando a revista “Veja” ou “Isto É”, dizem que o MST *invadem* as fazendas, causando um verdadeiro horror a sacro propriedade privada. Não resta dúvida que para eles, o MST é uma marcha de bando, baderneiros e inconseqüentes. Entretanto, a perspectiva é distinta do ponto de vista do MST, pois não se trata mais de invasão, mas sim de *ocupação*. Pensando na tensão dialética que essas categorias acionam, lembrei-me da reflexão do notável historiador alemão Reinhart Kosseleck acerca da batalha na utilização da historicidade dos conceitos, vejamos:

“a batalha semântica para definir, manter ou impor posições políticas e sociais em virtude das definições está presente, sem dúvida, em todas as épocas de crise registradas em fontes escritas. (...) os conceitos não servem mais para aprender os fatos de tal ou tal maneira, eles apontam para um futuro. Privilégios políticos foram formulados primeiro na linguagem, justamente para que pudessem conquistados e que fosse possível dominá-los”⁷.

P.11-36. Nessa ótima reflexão, o professor propõe um estudo sobre a cultura visual, por que engloba: “a) o visual, que engloba a “iconosfera” e os sistemas de comunicação visual, os ambientes visuais, a produção / circulação / consumo / ação dos recursos e produtos visuais, as instituições visuais, etc.; b) o visível, que diz respeito à esfera do poder, aos sistemas de controle, à “ditadura do olho”, ao ver/ser visto e ao dar-se/não-se-dar a ver, aos objetos de observação e às prescrições sociais e culturais de ostentação e invisibilidade, etc.; c) a visão, os instrumentos e técnicas de observação, os papéis do observador, os modelos e modalidades do “olhar”.

⁷ KOSSELECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC- Rio, 2006.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL



Expressão aberta da revista Veja frente ao MST, isto é, enxerga-os como “radicais, vagabundos”



Imagem que procura criminalizar o MST

“Quando as imagens visuais, dentre elas a fotográfica, são utilizadas como fontes de pesquisa histórica, é porque funcionam como mediadoras (representação/significação), e não como reflexo de um dado universo sociocultural. Integram um sistema de significação que não pode ser reduzido ao nível das crenças formais e conscientes. Pertencem à ordem do simbólico, da linguagem metafórica. São portadoras de estilos cognitivos próprios”⁸.

Cabe salientar, entretanto, que num breve exercício de heurística dessas imagens, pude constatar que a lógica binária e maniqueísta que permeia boa parte das compreensões apressadas não é capaz de dar conta da complexidade inerente as relações de poder. Pois, segundo esse juízo ligeiro assevera: As revistas “Veja”, e “Isto É” condenam o MST. Por quê? Ora, os princípios que movem o Movimento são contraditórios à ética burguesa, haja vista a dura crítica ao agronegócio, ao latifúndio (nota); aquelas revistas, por sua vez, como estão de mãos dadas com os interesses do Capital nacional e estrangeiro reprovam claramente o MST. Essas revistas seriam, pois, instrumentos de veiculação da ideologia burguesa. Ora, essas noções são absolutamente verídicas e corretas, mas são insuficientes para a reflexão aqui ensejada. Pois, conforme dito anteriormente esses posicionamentos maniqueístas e permanentes não contemplam o enigmático feixe das relações históricas. Meu interesse é compreender o porquê dessas filiações no contexto da trama histórica.

Ademais, já apreendi com as palavras do notável José Saramago, que “A complexidade das tramas das relações sociais, tanto diurnas, quanto noturnas, tanto verticais como horizontais (...) aconselha a moderar qualquer tendência para juízos peremptórios, definitivos, balda que, por exagerada suficiência nossa, talvez nunca conseguimos livra-nos”.⁹

⁸ : BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. 2º Ed., 1º reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. P.18-19.

⁹ SARAMAGO, José. *Ensaio Sobre a Cegueira*. Companhia das Letras. 1995. P.31.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL



O Movimento criando representações de si mesmo.



FOTO DE SEBASTIÃO SALGADO NO MOMENTO DE UMA OCUPAÇÃO

“A conhecida foto de Sebastião Salgado ilustra a natureza a natureza do MST: um movimento de camponeses pobres, radical, mas não violento, cujas únicas armas são as simbólicas foices, e que trata de impor a reforma agrária no terreno pela ocupação dos latifúndios. Passando por cima da sacrossanta ‘propriedade privada’, os sem-terra derrubam cercam, abrem portões trancados e apropriam-se das terras monopolizadas pelas elites rurais e pelo agronegócio. A cena é carregada de

grande emoção, e transparece dos protagonistas aquilo que o MST chama de “mística do movimento”¹⁰.



MARCHA NACIONAL PELA REFORMA AGRÁRIA, EMPREGO E JUSTIÇA.

“(…) A Marcha Nacional pode ser considerada um ritual de longa duração, o que lhe confere um estatuto privilegiado de compreensão não só dos atores que o encenaram, mas do “público”, que o tornou relevante- o MST como ator social, seu modo particular de construção da política e as relações mais profundas que ele guarda com a sociedade brasileira”.¹¹

Ademais, salta aos olhos a coragem e insolência do MST em propor um modelo de desenvolvimento oposto à lógica agro-exportadora do modelo capitalista. A proposta de uma agricultura ecológica voltada para os interesses do homem do campo choca-se violentamente com os interesses do . Enfim, acredito verdadeiramente que o MST pela sua grandeza de mobilizar questões para os interesses dos marginalizados assume uma

¹⁰ LOWY, Michael (org.). *Revoluções*. Tradução: Yuri Martins Fontes. São Paulo: Boitempo, 2009.

¹¹ CHAVES, Christine de Alencar. *A marcha Nacional dos sem-terra: um estudo sobre a fabricação do social*. RJ: Relume Dumará: UFRJ, 2000.

importância histórica no contexto nacional e mundial de contestação da dominação hegemônica do sistema capitalista. Embora, essa noção que tenho é contestada por muitos...(notinha)

Defendi aqui que é imperioso tomar as representações imagéticas como algo portador de sentido, como registro de um tempo pretérito, como um elemento cultural, logo, atravessada por sentidos e conflitos; enfim, procuro pensar as imagens num prisma crítico, no sentido de uma trazê-las para dentro das problemáticas atinentes ao conhecimento histórico¹².

Essas imagens revelam a própria a dinâmica do MST:

“ processo e mudança são elementos importantes da dinâmica dos movimentos sociais. Essas são fortes características do MST, de modo que quando se estabelece uma atividade, ela está sendo praticada há tempos estabelecida, porque a forma surgiu na práxis, e não de um projeto previamente elaborado”¹³

¹² MARCOS, A. da Silva. A CONSTRUÇÃO DO SABER HISTÓRICO: HISTORIADORES E IMAGENS. R. História, São Paulo, n. 125-126, p. 117-134, ago-dez/91 a jan-jul/92.

¹³ FERNANDES, Bernardo Mançano. *A formação do MST no Brasil*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2000. P.172.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL



Embora a ação política seja privilegiada nas fotografias do MST, eles também registram o dia-a-dia dos trabalhadores rurais e militantes, bem como documentam atividade de plantio.

“O Brasil é, segundo a FAO (Organização das Nações unidas para a Agricultura e a Alimentação, o segundo colocado no mundo em concentração de renda, ficando atrás apenas do Paraguai. Números que impressionam: pouco mais de 2 mil latifúndios ocupam 56 milhões de hectares, tamanho que corresponde a duas vezes e meia o estado de São Paulo. Dessa área, grande parte é improdutiva, estando reservada à especulação imobiliária de seus proprietários e grileiros”¹⁴.

¹⁴ MORISSAWA, Mitsue. *A História da luta pela Terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001. P.115.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Cabe dizer que a principal bandeira que alimenta o MST e orientam suas ações, é a reforma agrária. Reforma esta diferente da lógica do agronegócio sob a ética capitalista, haja vista toda uma preocupação voltada aos interesses do homem do campo.

“A fotografia, como prática social e como linguagem, expressa e ajuda a construir as tensões subjacentes ao desenrolar do MST, colaborando na construção de novos espaços do e para o movimento, expressando-o e colaborando com as articulações sociais na expansão de sua visibilidade e força política, sendo ela mesma uma articulação nesse sentido, quando atua contra o próprio Movimento. A fotografia é parte do real. Ela não é instrumento fechado em seus próprios princípios”¹⁵.

¹⁵ SOTTILI, Rogério. *Em foco: o MST*. Projeto História, São Paulo, 18, maio. 1999.